

## EUCLIDES DA CUNHA E JOAQUIM CARDOZO: Dois engenheiros-poetas à procura de Canudos<sup>1</sup>

Érico José Souza de Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir da dissertação de mestrado do autor

<sup>2</sup> Aluno de Pós Graduação de Arte Cênica da Escola de Teatro da UFBA

### INTRODUÇÃO

A riqueza e consistência do clássico de Euclides da Cunha, "Os Sertões" é reforçada e traduzida através da multidisciplinaridade de sua obra e a forma particular de abordagem da passagem histórica do arraial de Canudos, desde o início de peregrinação de seu criador, Antônio Vicente Mendes Maciel, à criação e veloz proliferação do povoado, até o equívoco e horrendo desfecho fratricida de milhares de brasileiros. Dentro deste recorte histórico pode-se conduzir abordagens das mais variadas áreas de conhecimento científico e com isso contribuir para uma compreensão mais ampla do fenômeno daquela região, servindo, inclusive, para um mergulho sobre o Brasil em si, seja na área da sociologia, da antropologia, da política, da biologia, da história, da arte, etc., reforçando cada vez mais o caráter indissociável dos elementos que integram o conhecimento.

Este artigo pretende mostrar a contribuição da escritura de Euclides da Cunha no campo da dramaturgia, através de uma análise intertextual entre "*Os Sertões*" e o texto teatral "*Antônio Conselheiro*", do poeta Joaquim Cardozo.

Em poucas palavras e propondo um aprofundamento sobre o tema, a noção de Intertextualidade foi gerada por Julia Kristeva, na década de 60, a partir da análise dos conceitos lingüísticos de Mikhail Bakhtin, no qual a base está na constatação de que nenhum texto é fruto de uma construção individual, e sim é resultado de um encadeamento de informações e leituras anteriores. Isto é, todo autor,

inevitavelmente, assimila de outros autores a matéria prima para seu próprio processo de criação. A partir disto, verifica-se em "*Antônio Conselheiro*", de Joaquim Cardozo, um mergulho na obra de Euclides da Cunha, tanto como fundamentação teórica, quanto veículo direto de inspiração.

## DOIS POETAS, DUAS TRAGÉDIAS

Algumas coincidências ligam estes dois escritores ao longo de suas vidas. Joaquim Cardozo (26/08/1897 - 04/11/1978), nasceu no bairro do Zumbi, no Recife, Pernambuco. Neste período Euclides da Cunha (10/01/1866 - 15/08/1909) estava em pleno campo de batalha, na campanha de Canudos, no sertão da Bahia. Ambos eram filhos de guarda-livros e estudaram engenharia, além de exercerem a profissão de topógrafo. Assim como Euclides da Cunha, Joaquim Cardozo é considerado um grande escritor, filósofo e crítico social. De sua incursão pela engenharia de cálculos, a construção de vários prédios de Brasília e do Complexo da Pampulha, ao lado do arquiteto Oscar Niemeyer, coloca-o na vanguarda da arquitetura brasileira. Além de poeta, produziu seis textos de teatro, entre eles, "*Antônio Conselheiro*", baseado no episódio da guerra de Canudos. Mais um elemento que o liga a Euclides da Cunha. Nota-se na produção literária de ambos, a preocupação com a população menos favorecida e a insatisfação com as condições de vida da maior parte dos brasileiros. A vida de ambos foi cheia de atribulações, como demissões de cargos públicos. Ambos vieram a falecer devido a uma tragédia: Euclides é baleado pelo amante de sua esposa; Cardozo fica enfermo após ser acusado como responsável pelo desabamento do Pavilhão da Gameleira, em Minas Gerais, que causou a morte de 86 operários, vindo a falecer tempos depois.

### Um libelo à brasilidade

O livro "*Os Sertões*", de Euclides da Cunha, se considerado tão somente um estudo

sobre a geologia e a sociologia brasileira, através da travessia do autor, indo do Sudeste ao Nordeste do país, para cobrir jornalisticamente um dos episódios mais trágicos da História do Brasil: a campanha de Canudos, correria o risco de uma classificação empobrecedora diante da diversidade e profundidade de informações que contém tal ensaio, seja de um ponto de vista literário, sociológico ou mesmo científico. Principalmente porque o livro desenvolve-se seguindo exatamente o mesmo percurso de seu criador que, através de seus conhecimentos topográficos e geológicos, aliados à sua visão de "engenheiro-andante", parafraseando Berthold Zilly, de espírito propício a penetrar e deixar-se penetrar pela descoberta de novos horizontes, divide-o (como não poderia deixar de ser, já que Euclides começa narrando sua chegada a Canudos e sua surpresa com a grande diferença paisagística desse imenso Brasil), em três momentos distintos (somente enquanto estrutura literária e narrativa), nomeados por ele como a "Terra", o "Homem" e a "Luta". São três partes explícita e implicitamente ligadas, onde o autor registra para a posteridade a existência de uma região tão abandonada quanto exótica para olhos estrangeiros, como os dele, composta de uma civilização mestiça e rude, adaptada a tão estéril terreno.

3 Aqui qualifico Joaquim Cardozo como "engenheiro-poeta", devido à grande simbiose profissional existente na sua produção científica e literária. Alguns estudiosos nomeiam-no "poeta-engenheiro", porém serão usadas as duas terminologias, mudando de acordo com a área de atuação em que ele encontra-se no momento.

Sua contribuição foi tão essencial e profunda, que "Os Sertões" passou a ser um marco e uma fonte inesgotável de possibilidades de conhecimento desse Brasil arcaico e encantador, sendo seu autor o responsável por trazer à nação "civilizada" a outra face da realidade brasileira, em forma de verdadeiro libelo à brasilidade, pois, através da sua voz, aquele povo esquecido passou a ser, pelo menos, mencionado em todo o país, e mais, entrou para a História através de suas mãos.

### Impressões cartográficas

Na primeira parte, dedicada à descrição "poético-cartográfica" de sua viagem ao sertão baiano, sua linguagem assemelha-se bastante aos diagnósticos topográficos do engenheiro-poeta Joaquim Cardozo<sup>3</sup>, quando da realização de estudos ou

demarcações de terras, durante seu emprego na Comissão Geodésica do Recife, conforme depoimento do arquiteto e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Geraldo Santana<sup>4</sup>: *"...é uma coisa muito bonita porque alguns dos poemas, por exemplo, 'O cinematógrafo', é um poema de Cardozo onde ele é o topógrafo. É um topógrafo-poeta, onde ele está fazendo o levantamento de um trecho de um rio, às margens de um rio, onde ele vê as flores das árvores, quer dizer, ele não vê somente a água se movendo, a correnteza, que desenha nenhum pode comunicar(...)mas ele, no poema, descreve essa riqueza e guarda tudo numa caderneta de campo..."*. Isto exemplifica que Cardozo continha no próprio trabalho técnico a inspiração e observação sensitiva e criadora, o que lhe permitia uma linguagem mais ampla e diversificada na descrição da realidade em questão, ou mesmo, como ocorre com frequência em sua obra, a fonte geradora de sua poética. Essa atmosfera sensitiva e qualidade observativa está impregnada na trajetória de Euclides pelas estradas que o levam ao sertão baiano, principalmente pela forma como ele narra e relaciona os elementos que vão desde o tipo de clima e de terreno, às suas impressões sobre a flora, sobre o entardecer, o céu, as chuvas: *"Mas no empardecer de uma tarde qualquer, de março, rápidas tardes sem crepúsculos, prestes afogadas na noite, as estrelas pela primeira vez cintilam vivamente."* É difícil, tanto em Euclides como em Cardozo, distinguir o poeta do cientista, o técnico do artista.

Em "Primeiras impressões", Euclides faz referência às qualidades e peculiaridades rochosas do sertão, que coincidem com o imaginário popular sertanejo, para o qual o sertão já teria sido mar: *"E por mais inexperto que seja o observador ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens..."*, fundamentando tal afirmação em "Um sonho de geólogo", como se todo o sertão brasileiro estivesse submerso e o Oceano Atlântico ligado ao Pacífico, ficando à vista apenas *"as altiplanuras das Guianas"* e, para o sul, o maciço de Goiás, o de Minas e parte do planalto paulista, *"onde fulgurava, em plena atividade, o vulcão de Caldas"*, sendo estes locais *"o núcleo do continente*

4 SANTANA, Geraldo. Entrevista concedida a Érico José, em 22.12.2000.

*futuro*". Daí ascenderam aos poucos até à formação das Américas, como se tem hoje. É impressionante perceber a tentativa de Euclides de, através de conceitos científicos, como os de Fred Hartt ou Gerber, dar-nos a possibilidade de concretizar a antiga lenda sertaneja sobre este assunto que, segundo o imaginário popular, terá destino cíclico: "*O sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão*", conforme as palavras do profeta Conselheiro. Mais impressionante ainda é a relação dessa mitologia sertaneja com as crenças míticas abordadas por Maria Isaura Pereira de Queiroz, em "*O messianismo no Brasil e no mundo*", encontradas nos povos primitivos do Oeste americano, da Melanésia e da África, que acreditavam no nascimento, envelhecimento e morte da Terra, num processo natural e cíclico, onde o final dos tempos seria apenas o recomeço de nova existência terrena. Segundo a autora, estas lendas são propiciadoras de condutas messiânicas e, comprovadamente, todos os movimentos messiânicos estudados surgiram em sociedades que conheciam tais histórias, ou que possuíam mitos ou heróis que regressariam para dar ao seu povo um mundo melhor. Começando pela análise geográfica do sertão, Euclides já vislumbra uma possível hipótese sobre as razões do tipo de estruturação da comunidade de Canudos, que possuía elementos fundadores de um movimento messiânico, cujas causas e dimensões a elite brasileira não compreenderia.

Seguindo o raciocínio de Maria Isaura, não basta apenas a crença em tais lendas e mitos para que se desenvolva um processo de caráter messiânico, é preciso que haja uma necessidade de reação a algum fator, seja ele externo ou interno, que venha a perturbar a estrutura da comunidade. No caso do movimento de Canudos, liderado por Antônio Conselheiro, o próprio isolamento e sofrimento em que o povo vivia estado de anomia, segundo Maria Isaura; sempre acalentado por uma esperança de melhoria e pelo desejo de que algum enviado divino modificasse tal situação, associado às crenças míticas, tornava fértil o surgimento de tais reações, reforçado pelo que Zilly nos lembra: "*a distância com respeito ao mundo parece aproximar os homens de entidades sobrenaturais. (...) O vazio pode vir a ser o lugar da*

*plenitude.*"<sup>5</sup> Realmente, Canudos, aquele fim de mundo que se tornou uma cidade próspera nas mãos do Conselheiro, era a plenitude para os seus adeptos, e o próprio Euclides concorda com isso quando afirma, do Alto da Favela, ao descrever o cenário desértico que ali se diferenciava: "*Tinha na frente a antítese do que vira. (...) E quase compreendia que os matutos crendeiros, de imaginativa ingênua, acreditassem que 'ali era o céu...'*" (CUNHA, 2000-p. 34). Canudos contemplava outra característica inerente ao movimento messiânico descrito por Maria Isaura: a crença no "*Paraíso Terrestre*". Era como um oásis no deserto. Às margens do rio Vaza-Barris, sob uma organização exemplar, a vida parecia uma bênção e a terra um presente de Deus para seus filhos, desde há muito sacrificados, mas agora libertos do sofrimento graças ao "Bom Jesus Conselheiro".

Quanto aos outros elementos estudados por Euclides para a primeira parte de seu livro, há enorme surpresa quanto às particularidades encontradas nesta região, seja com referência ao clima, que atingia níveis térmicos impressionantes, variando de 35 graus (à sombra), durante o dia, à grande baixa durante à noite que se tornava frigidíssima, ou ao contraste dos períodos de estiagem, que transformavam a região num deserto seco e sem vida, em relação à chegada do inverno, que transformava o sertão num paraíso:

*"E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto.  
Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge  
triumfalmente a flora tropical.  
É uma mutação de apoteose."* (CUNHA, 2000-p. 55).

Ou às secas, que possuíam um ciclo inexorável, com as caatingas, representantes legítimas daquele mundo recalcitrante. Neste ínterim, o autor relata suas impressões sobre a possibilidade de que o homem seja o principal agente causador daquele cruel fenômeno, devido às tantas queimadas, herança da cultura indígena e aproveitada na colonização para a conquista de terras a oeste do país, destruindo e aniquilando a fertilidade da região. Por fim, propõe meios de

5 ZILLY, Bertold. A reinvenção do Brasil a partir dos sertões... In: Revista Canudos, v. 4, nº 1/2 (p. 117).

combate às secas, que tiveram bons resultados na Tunísia por iniciativa dos romanos que a transformaram em região fértil, graças aos mecanismos simples de pequenas represas.

### **Raízes sertanejas**

Mas é na parte dedicada ao homem que Euclides da Cunha alça grande vôo hipotético na tentativa de desvendar a origem do homem do sertão. Considerada a mistura entre o índio, o negro e o português, fator essencial para a discussão sobre a etnia brasileira, ele chega rapidamente à conclusão de que "*não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca*" (CUNHA, 2000-p. 76), e afirma que o contraste é a feição nacional por excelência e que não se pode exigir comparação com as raças européias (desejo nacional da época). E mais: que, mesmo que tentemos buscar uma identidade para nosso povo, estamos condenados à civilização, isto é, aos ideais daqueles que se julgam a casta civilizada do mundo e, resignado, admite: "*Ou progredimos, ou desaparecemos*" (CUNHA, 2000-p. 77). Este progredir é um dos fatores de confusão ideológica nacional que aspira a uma verdade que não é a sua, a um sistema de vida que não cabe nas condições de uma terra tão ampla e plural. É na diversidade geográfica e climática que o autor defende as tão variadas nuances da raça brasileira, chegando a citar o processo de seleção natural de Darwin e sua adaptabilidade ao meio físico como fator da plurietnia nacional. E chega à formação da raça brasileira do Norte e às suas comparações com os sulistas.

O sertanejo possui menos herança negra que os litorâneos, segundo ele, pois, os nativos tiveram como única opção de resistência à exploração dos portugueses, a fuga para o interior do país na tentativa de manter suas tradições e mesmo a sua existência, enquanto que os negros não se afastaram tanto na construção de seus quilombos, gerando a originalidade na gênese do jagunço, tipo especificamente adaptado aos sertões e que, por isso, possui características próprias não

encontradas em outra parte do Brasil, fruto da mistura do índio com os bandeirantes, que vinham através dos rios conquistar terras atrás de riquezas, subindo pelo São Francisco e desvendando aquele universo desértico. Enfim, possíveis descendentes dos paulistas, seus "colaterais", na linguagem do autor. Aliás, o rio São Francisco é considerado por Euclides, a partir da afirmação do historiador João Ribeiro, como "o grande caminho da civilização brasileira", gerando tal sociedade rude que continha o cerne da nacionalidade. Se por uma parte Euclides valora os elementos que cristalizaram a cultura sertaneja, como a herança de tradições seculares que, pelo isolamento do resto do país, conservou intactas suas formas e conceitos, evidentemente influenciados pelo misticismo medieval português, por outro lado ele, filho de uma visão etnocentrista radical, chega a crer que, por causa da miscigenação das raças, o povo brasileiro seria uma sub-raça, ou raça inferior, pois "*a mestiçagem extremada é um retrocesso*", chegando a ser desconcertante seu parecer de que a mistura de raças é prejudicial e que o mestiço é quase sempre um desequilibrado, um doente incurável. Sua análise é um tanto arbitrária aos olhos de hoje. Aí está a ótica por onde o autor trata a comunidade de Canudos e seu líder carismático, a começar por sua definição de "*religião mestiça*", como o próprio matuto, atrelada a crenças esdrúxulas: "*Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. (...) Foi um documento raro de Atavismo.*" (CUNHA, 2000-p. 154/155).

### Asceta demoníaco

A versão de Euclides da Cunha sobre o personagem principal de Canudos segue esta mentalidade como era de se esperar - preconceituosa e antiquada. Para ele, Antônio Conselheiro era fruto de sua sociedade primitiva e selvagem, mentalmente fragilizado por sua hereditariedade mestiça e inferior. Era um louco "*incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva.*", um representante natural do meio em que nasceu. E por aí narra sua trajetória de vida, desde a verve violenta de seus antecedentes familiares, os Maciéis, conhecidos nas terras do Ceará por rivalidades e mortes entre famílias, até sua desilusão amorosa, quando sua esposa

foge - por ironia do destino - com um soldado. Depois desse episódio, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, perdeu-se pelos sertões numa vida de andante resignado, criando fama por onde passava e durante décadas fazendo pregações e obras de restauração de igrejas e cemitérios. O povo logo se junta a ele nas caminhadas telúricas e, aos poucos, vai-se estabelecendo sua autoridade divina. Era, para o olhar da civilização, ali representado pelo engenheiro e jornalista Euclides da Cunha, um indivíduo no limiar tênue entre a sanidade e a loucura. Uma aberração. Foi, com todas essas idiossincrasias, que ele implantou naquele sertão longínquo uma comunidade de milhares de pessoas, fiéis devotados, em sua grande maioria, numa experiência rara de comuna salvadora e produtiva, de regras e rituais próprios, que se confrontava diretamente com os poderes oficiais. Quanto a tais rituais, Euclides caracteriza-os como "*agrupamentos bizarros*", que beiravam a nevrose coletiva, repletos de místicos e ingênuos crendeiros. Talvez, se ele visse hoje em dia, os templos modernos das variadas seitas e religiões, com seus cultos eloqüentes e popularescos, com as várias expressões ardorosas de espiritualidade, poderia, quem sabe, refletir sobre a validade de seus argumentos, quanto ao arcaísmo epistolar dos sertanejos. Assim se construiu Canudos: "*A urbs monstruosa, de barro, definia bem a civitas sinistra do erro. O povoado novo surgia, dentro de algumas semanas, já feito ruínas. Nascia velho.*" (CUNHA, 2000-p. 187).

6 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977.

Numa comparação irrecusável, a visão de Maria Isaura do profeta de Canudos e da religiosidade existente no vilarejo é mais sensata e branda: "*Tratava-se, pois, de uma revivificação de práticas normais no meio rústico, sem que se possa apontar nenhuma invenção neste terreno*"<sup>6</sup>, já que as práticas religiosas nesta região distante e abandonada, davam-se de maneira escassa por parte da autoridade religiosa tradicional, gerando atividades, de certa forma leigas, pela própria comunidade e indivíduos mais inclinados às práticas religiosas. Naturalmente, distorções e adaptações aconteciam para que se acomodassem às necessidades locais as prédicas e os rituais sacrossantos da igreja oficial, num rígido comportamento e

organização coletiva, no qual as maiores obrigações possuíam um caráter completamente espiritual. Sobre o sistema sócio-religioso do arraial, a autora define-o: "*Todas estas distinções internas, que davam fisionomia própria ao arraial, evidenciavam a existência de organização social e complexa, desmentindo a afirmação de Euclides da Cunha de que se tratava de uma comunidade 'homogênea e uniforme, massa inconsciente e bruta'*"<sup>7</sup>. Sobre o patriarca do povoado, Maria Isaura desenha-o como personalidade mais lúcida, com exemplos cotidianos de seu temperamento e comportamentos diante dos fiéis que o idolatravam e chegavam a compará-lo ao próprio Deus, o que era rebatido por ele sem pestanejar: "*Levante-se que Deus é outra pessoa*"<sup>8</sup>. Ele nunca afirmou ser algo mais que um enviado, um representante de Deus na terra e seus atos bastavam para comprovar tal definição. Claro que a dimensão que alcançou sua autoridade e a repercussão da cidade sobre toda a sociedade brasileira, exigiu dele e de seus devotos, como defesa de seus ideais e crenças ou mesmo por ignorância das reais causas das malquerenças dos republicanos, um posicionamento rígido e imediato. O fato é que a ignorância foi uma das causas desse encontro desastroso de duas sociedades, que, por mais próximas em sua origem étnica, eram distintas enquanto mentalidade cultural. É preciso grifar: ignorância de ambos os lados.

Joaquim Cardozo, em seu texto teatral, "Antônio Conselheiro", absorve essa relação da terra com o homem que, inegavelmente cria necessidades e costumes específicos na lida com sua realidade, porém, transforma a terra em elemento coadjuvante dos jagunços e não em simples inimiga, ao passo que para adaptar-se ao meio, o homem passa a conhecer todas as possibilidades existentes e que poderão tornar-se favoráveis a ele. Enquanto em "*Os Sertões*", nas palavras de Ricardo Oiticica, a terra seria "*o palco*" onde ocorre o trágico espetáculo; em "*Antônio Conselheiro*", ela passa a ser mais um forte personagem que age por conta própria e combate seus inimigos:

7 Idem.

8 Ibidem.

"Pajeú:

*Desta vez, como das outras,  
Não passarão dali (faz um sinal com o beijo)  
Da estrada do Cambaio;  
Dali, do Alto da Favela.  
Mas vão ver novamente  
Que é a terra toda que os repele,  
Que a terra, o chão, a seca  
É que os vencem e os reduzem a frangalbos;  
Só vencerão quando destruírem a terra(...)"*(CARDOZO, 1975-p. 83).

As enormes contradições do sertão, seja em relação à forma de vida do litoral majestoso, à questão cultural de seu povo, seus valores, ou à própria capacidade de metamorfosear-se, de surpreender a quem acreditara que já o conhece definitivamente, leva Euclides, ao mesmo tempo que o vê como penoso ambiente, a defini-lo como um paraíso, onde a terra, assim como o homem, briga contra a força da natureza e ressurge transformada, radiante, num rígido ciclo de secura e bonança, definido pelos nativos de "o verde" (período em que os sertões reflorescem e revivem "derivados da exuberância da terra"), num enorme contraste com o período da "magrém" (a seca), naturalmente incorporado pelos sertanejos como demonstra a poesia de Cardozo:

"2ª Mulher:

*Antes de nascer a estrela  
O céu está verde.  
Antes de nascer é verde o sol.  
Quando aparece já está maduro  
Maduro, amarelo, ardente, queimando.  
E no alto se torna um seco girassol,  
E em vez do 'verde' é o 'magrém'"*. (CARDOZO, 1975-p. 78).

Observa-se que Cardozo apropria-se da informação dada em nota de rodapé por Euclides e desenvolvida em sua narrativa, sobre as duas únicas estações que contemplam a região: "Verde e magrém, termos com que os matutos denominam as quadras chuvosas e as secas" (CUNHA, 2000-p. 57), e transforma em poesia nas falas de suas

personagens.

Quanto à figura do Conselheiro, Cardozo a define como um homem que, mesmo sofrendo de momentos alucinatórios característica real e encontrada em vários familiares, inclusive seu pai mantinha uma altivez e coerência sobre sua existência e vocação, que impressionava tanto o senso comum, como as autoridades que travavam contato com ele. Um homem que conseguiu, independente dos meios utilizados, acrescentar de dignidade a vida miserável daqueles que, estando ali naquelas paragens isoladas, eram relegados ao esquecimento:

**Voz:**

*"Antônio! Morreste por uma grande fé  
E por uma, ainda maior, caridade,  
Não seio do povo que abrigaste  
Em tua esperança. Morreste mártir  
Como os mais santos da cristandade.  
(...)  
Porque descobriste esta terra esquecida.  
Em que implantaste uma lei instruída,  
Tão certa e tão falsa como as dos doutores  
Que pretenderam te condenar  
(...)  
Ao teu Evangelho chamaram fanatismo,  
E de ti procuraram afastar o teu povo recolhido,  
Como há milênios, os que vivem felizes e fartos  
Sempre se fingem piedosos, preocupados  
Pelos que estão famintos. Piedosamente!  
A estes oferecem a fé em um outro mundo  
De maravilhas: um país de encantos e duendes(...)"<sup>9</sup>*

### Ignorância trágica

A guerra. Realmente constitui o momento mais impressionante da narrativa de Euclides da Cunha, seja pela minúcia de detalhes, seja pelos fatos assombrosamente reais que ilustraram tão lastimável passagem histórica. É a

9 CARDOZO, Joaquim. O capataz de Salema, Antônio Conselheiro, Marechal, boi de carro. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1975 (p. 113 a 115).

maior e mais desconcertante parte de "Os Sertões", na qual o autor se abstém de defender qualquer um dos lados, e esclarece na última folha "*sem glória*" de sua obra-prima: "*Não tive o intuito de defender os sertanejos porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque.*" Considerada tal declaração como "Nota à segunda edição", é de se deduzir que críticas e cobranças posteriores ao seu relato fizeram-no posicionar-se mais enfaticamente sobre o episódio. O que é bastante interessante é a coragem de Euclides em trazer à tona essa passagem sangrenta e vergonhosa da História do Brasil - estando ele a serviço do Estado nesta campanha - com grande teor crítico ao poder, à civilização dita moderna, e à mentalidade da qual ele próprio fazia parte mas que, devido a tanta selvageria, o fez refletir sobre a forma brutal e equivocada como se resolveu a peleja.

Na verdade fica clara a dimensão que a batalha ganhou progressivamente devido a um profundo orgulho patriótico. Foram várias investidas ao arraial por parte da milícia, que a princípio era de vulto estadual. No primeiro combate, as autoridades baianas não deram importância real ao apego do sertanejo pelo seu messias e sua terra prometida, enviando apenas 100 praças para acabar com a "desordem", que estaria prejudicando as cidadelas vizinhas e o clero local. A primeira expedição, como as demais, tiveram um inimigo feroz e imbatível: a terra. Ao atravessarem aquela sequidão de léguas infernais, o esgotamento fazia-os inofensivos aos adversários que, mesmo não dispendo de armamentos modernos, combatiam-nos com vivacidade e artilharia impressionantes. Não temiam a morte. Iam de encontro a ela numa religiosidade festiva. O saldo da primeira expedição foi de 150 conselheiristas mortos para 10 soldados, o que demonstra uma superioridade militar. Mas as dificuldades do local fizeram-nos regressar, desistindo do conflito. Diante desta derrota foi articulada a segunda expedição - ainda com vulto estadual como uma reação aos "fanáticos": "*Era preciso que saíssem afinal da barbaria em que escandalizavam o nosso tempo, e entrassem repentinamente pela civilização adentro, a pranchadas*" critica Euclides. À medida que os sertanejos, aliados à terra, passavam por experiências de guerra, começavam a criar táticas de defesa que eram eficazes

ao visitante desavisado. A segunda expedição, mesmo com saldo pequeno de mortos e feridos, bate em retirada, envergonhando a opinião pública e exigindo das autoridades medidas mais enérgicas. Neste ínterim, as elucubrações do governo republicano sobre os propósitos dos conselheiristas chegam à argumentos incríveis que os qualificam como revolucionários, monarquistas e inimigos da nação. Tais argumentos eram também necessários, pois, ganhando vulto nacional, era preciso que se tivesse um argumento eficaz para que a população aceitasse placidamente a dizimação violenta que estava sendo planejada como investida. Dentro desse contexto, instaurou-se a terceira expedição, já a nível nacional, comandada pelo coronel Moreira César, com 1.300 combatentes, ao passo que a comunidade de Canudos continuava crescendo devido às "vitórias" e aos milagres do Conselheiro sobre o exército a força republicana do inferno, segundo os sertanejos. Esta mentalidade de ambos os lados congregava e legitimava a guerra. A civilização queria extirpar o atraso e os monarquistas revoltosos, enquanto que os crentes queriam acabar com o "governo do demônio", que era a República, pois para eles, a Monarquia era um governo divino onde o rei representava Deus para seu povo. Equívocos e ignorância mútuas.

Devido a vários incidentes e estratégias militares inválidas para aquela região, depois de um recontro feroz de corpo a corpo dentro do arraial, defrontando-se com a astúcia e força inacreditáveis dos conselheiristas, ocasionando muitas mortes dos dois lados, inclusive a do comandante Moreira César, a expedição faz uma retirada humilhante, deixando toda a artilharia nos arredores do povoado, rapidamente capturada pelos sertanejos, deixando pela estrada os farrapos e corpos dos soldados decapitados, dependurados num cenário mórbido e assustador. Diante do abalo nacional que foi a derrota da terceira expedição, sob a obsessão republicana de honra e orgulho, era, mais que nunca, imprescindível destruir o grupo monarquista que desafiava a nação. Daí, iniciou-se uma batalha crônica, salvo os detalhes de estratégia guerrilheira e pormenores horripilantes, as

duas partes envolvidas fanatizavam suas ideologias e crenças em função da selvageria e morticínio inescrupuloso. Euclides aponta que "*bá nas sociedades retrocessos atávicos notáveis...*" e aquele episódio monstruoso realmente era um retrocesso gigantesco na civilização brasileira. Os sertanejos não se deixaram vencer nunca. Lutaram até o fim com o fervor dos devotados e abnegados. A quarta expedição, na verdade, desdobrou-se em muitas outras, recebendo reforços constantes de todo o país, até o último instante, numa luta incessante. Um quadro catastrófico. Um cenário cruel e desumano. Uma tragédia vergonhosa e inconcebível. Um estorvo.

### **Poesia do caos**

Como transformar em poesia tal episódio? Tirar de uma ingloria e infrutífera batalha elementos de beleza? A própria narrativa de Euclides da Cunha, apesar de possuir em certos momentos a crueza necessária para explicitar os fatos reais, denota um lirismo impressionante, com forte dramaticidade e de um ritmo cinematográfico surpreendente. A força imagética, os recursos encenatórios e a linguagem sugestiva e plástica da obra euclidiana, já observada por Berthol Zilly no ensaio "A reinvenção do Brasil a partir dos sertões"(op. cit.), trazem, hipoteticamente, grandes pistas sobre a possibilidade de recursos intertextuais utilizados por Joaquim Cardozo na construção do texto "Antônio Conselheiro", já que se trata da abordagem do mesmo tema e, sendo Cardozo um erudito por excelência, tendo acesso desde à infância aos clássicos da literatura brasileira, não é tão difícil crer que "Os Sertões" o tenha influenciado e até mesmo conduzido-o na estrutura conceitual do texto dramático. Tais semelhanças entre a obra-prima de Euclides da Cunha e o drama de Joaquim Cardozo encontram-se principalmente nos elementos visuais e forte inspiração sobre fatos do livro. Por exemplo, a prisão de Antônio Conselheiro - descrita por Euclides da Cunha - com o argumento esdrúxulo de que ele havia matado sua mãe e esposa, com o intuito por parte das autoridades de denegrir sua imagem perante a população de fiéis e

seu comportamento diante dos juizes que o acusavam de tal heresia, sabendo-se que a verdade é que sua mãe morreu quando ele ainda era criança e sua mulher fugira com um soldado, transfigura-se na primeira cena da peça de Joaquim Cardozo, com grande enfoque poético e metafórico da figura de Conselheiro e registrando a tendência ao abuso dos poderes instituídos. A dinâmica cênica empregada na construção dramatúrgica de Cardozo também possui um caráter cinematográfico, tanto na composição estética, como no encadeamento e desenrolar das cenas e fatos da tragédia.

O grande salto que Joaquim Cardozo proporciona é justamente seu real posicionamento diante da catástrofe que foi a guerra de Canudos, sua crítica feroz às instituições, tanto religiosa quando política e a defesa do ideal de liberdade comunitária. O poder reflexivo que ele dá, tanto aos sertanejos, como aos militares, é uma ampliação do pensamento euclidiano que permeia, muitas vezes nas entrelinhas de sua narrativa. É o poder e oportunidade de voz e de tentativa de entendimento que ele proporciona aos homens comuns que dá o teor transcendente de sua obra:

### **O general**

*Nem sempre morrer numa batalha  
É ato de heroísmo, pode ser um ato sem convicção,  
De simples rotina.  
Ato de quem exerce uma profissão  
Com zelo e dignidade.  
(pausa, refletindo)  
É bestial a sorte de quem perde a vida  
Em nome de um conceito vão qualquer,  
Criado como mentira, ilusão;  
Morrer para os outros, ser história  
(sorri melancolicamente)  
Para os outros(...)* (CARDOZO, 1975-p. 102).

Como torna-se claro no título da peça "Antônio Conselheiro" Joaquim Cardozo prioriza o homem, o ser humano em toda sua plenitude. Ele reescreve, a partir dos episódios da guerra de Canudos, as angústias e os anseios da humanidade, numa composição dialética que não admite vencedor, pois quando o homem é levado a condições extremas de miséria e opressão, quem perde é a própria humanidade. E transforma todos os personagens em porta voz de sua indignação e de seu conceito ideológico:

### O Homem

*"Canudos é uma placa de silêncio  
Perfurada de gritos,  
Machucada de choros e de soluços;  
E neste silêncio, escondido,  
Há uma vaia, um assobio abafado,  
Torturado neste silêncio.  
A vida boa é a vida que se encontra  
Numa história contada.  
No que se apresenta, no que se vê  
De longe, no que passa depressa;  
O que se vê de perto, de muito perto  
É quase sempre, feio,  
É duro, triste e malvado."* (CARDOZO, 1975-p. 89).

A evidente e comprovada apropriação que Cardozo faz da obra de Euclides da Cunha, vem registrar em ambos a importância e contemporaneidade de seus escritos, pois, até hoje, "Os Sertões" é referência quando se trata de qualquer enfoque sobre o povo do Nordeste e a aquisição de Cardozo dessa obra o enquadra dentro do que há de mais atual em se tratando de texto literário: a intertextualidade. "Antônio Conselheiro" é um texto que utiliza-se, das indicações e informações contidas no clássico de Euclides, de forma poética e crítica, trazendo para outro campo do conhecimento o teatro a inspirada referência de um homem que deixou para a posteridade suas impressões e indagações sobre uma guerra insana, de total inciência.

**BIBLIOGRAFIA:**

CARDOZO, Joaquim. *O capataz de Salema, Antônio Conselheiro, Marechal, boi de carro*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1975.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977.

ZILLY, Bertold. A reinvenção do Brasil a partir dos sertões.... In: Revista Canudos, v. 4, n° 1/2(p. 117), Salvador: UNEB, 2000.

SANTANA, Geraldo. *Joaquim Cardozo: engenheiro da poesia*. Entrevista concedida a Érico José, em 22.12.2000.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LIMA, Luiz Costa. *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRÁS, 2000.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1969.